

## O cronista, a criança e o coração do poeta

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do TRF da  
5ª Região

Sou daqueles que assinam o atestado, declarando ser Rubem Braga, sem contestação, o eterno “sabiá da crônica”.

Sempre fui leitor dos seus textos, dos seus livros, das suas crônicas.

Ofício, aliás, sagrado ofício, que exercito desde o tempo em que o autor de – *Ai de ti, Copacabana* – compunha o quarteto de ouro da revista Manchete, juntamente com Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Henrique Pongetti.

Cheguei, inclusive, a colecionar todas as crônicas por ele escritas, e publicadas na revista de Block Editores.

Desnecessário dizer do aprumo estético, da correção semântica e, sobretudo, da limpidez verbal e densidade temática das suas produções literárias.

Depois, na história da literatura brasileira, a crônica é um dos gêneros mais difundidos.

Tecnicamente, com a formatação assemelhada ao romance.

Aliás, o nosso romancista-paradigma, Joaquim Maria Machado de Assis, foi um grande cronista, que o diga o livro – *O velho senado* – coletânea de crônicas que escreveu sobre aquela casa congressional.

Pois bem, Rubem Braga, que escrevia, como quem plantava flores, deixou-nos um leque de textos memoráveis, todos eles exalando o perfume da emoção, da sensibilidade, da paixão como poesia.

Esta semana, fazendo-me garimpador de nostalgias, procurei, como quem busca uma agulha no palheiro, uma crônica que o velho e saudoso Braga escreveu nos idos de 60.

Com o sentimental título de – *Ela no bar e o coração do poeta* – o ilustre filho de Cachoeiro do Itapemirim lembra a saga de um jovem namorado, de quem as mulheres, por mais que o admirassem, fugiam dos seus acenos, dizendo sempre que ele não queria compromissos mais conseqüentes, “era uma criança com um coração de poeta”.

Acontece – rememora Rubem Braga – por mais volúvel e boêmio que seja o coração do homem, há sempre alguém que o marca, que o estigmatiza com a flecha do amor.

Um dia – continua a crônica – o jovem do “coração de poeta” encontra-se num bar, em Copacabana, com amigos, quando entra a dama fatal, paixão de sua vida, devidamente acompanhada.

Mudança rápida de comportamento, com queda de pressão, empalidezimento, batimentos cardíacos fora dos padrões normais.

No centro de cardiologia, os pais presentes, o jovem do “coração de poeta” é examinado.

Nada de anormal. Tudo em ordem. O médico lê, em voz alta, o laudo, convencido que ele “era uma criança, com um coração de poeta”.

Ele sorri e responde:

- Obrigado, doutor, as mulheres sempre disseram isso.